

7

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou percorrer os 21 (vinte e um) anos que separam a criação da Escola Normal Sarah Kubitscheck (ENSK) e a inauguração do Instituto de Educação Sarah Kubitscheck (IESK).

A pesquisa histórica aqui realizada procurou ter como norte a noção de que:

O historiador escolhe, seleciona, interroga, conceitua, analisa, sintetiza, conclui. A partir da posição do problema, o historiador distribui as suas fontes, atribui-lhes sentido e organiza as séries de dados que ele terá construído. O texto histórico é o resultado de uma explícita construção teórica e não o resultado de uma narração objetivista de um processo exterior organizado em si pelo final. A organização da pesquisa é feita pelo problema que a suscitou; este vai guiar na seleção dos documentos, na seleção e construção das séries de eventos relevantes para a construção de hipóteses. Rompendo com a narração, a história tornou-se uma empresa teórica, que segue o caminho de toda ciência: põe problemas e levanta hipóteses e demonstra-as com uma documentação bem criticada e com uma argumentação conceitual rigorosa (REIS, 2000, p. 30).

Porque é disto que fundamentalmente se está tratando: são mais de duas décadas dentro das quais esta pesquisa elencou 5 (cinco) momentos da história dessa(s) instituição/ões, percebidos como fulcrais, e reportando-se a eles orientada por questões como elaboração de identidade social e construção da memória. Buscou-se compreender como essa história foi unificada como a história “do Sarah”, cuja principal marca seria a monumentalidade.

Tentei adequar meu trabalho ao que Justino Magalhães (1999) chama de “revisão do conceito de história institucional”. Assim, ao perscrutar a identidade histórica do IESK, procurei ficar atenta ao fato de que a construção da identidade histórica das instituições educativas envolve uma complexificação das variáveis e das categorias de análise, para o que se torna necessário, para além doutros pressupostos e requisitos metodológicos e processuais, o alargamento e cruzamento de informação muito diversificada. (Magalhães, *opus cit*, p.64).

Adotei como principais referenciais teóricos as noções de estratégia identitária de Dubar (1997) e memória coletiva de Halbwachs (2004), amparando meu trabalho sobre uma abordagem “meso” que buscou alinhar algumas

questões políticas, sociais e culturais do período, à tentativa de acompanhar a história de uma instituição educacional. Dentro de um recorte temporal mais amplo, procurei balizar meu olhar por considerações como as de Justino Magalhães, que, já em 1999, percebia que a meso-abordagem seria um caminho promissor para as pesquisas sobre a história das instituições educativas e das práticas educacionais.

Na sua concepção, esta opção metodológica permite dar corpo a atributos que ele acredita serem os mais genuínos da monografia historiográfica. Aqueles que permitem que se intencione construir uma identidade histórica por meio do esquadramento de elementos ligados ao binômio tempo/espaço: mudanças e permanências; articulação entre local (ou regional) e o geral (ou nacional); vinculação entre quadros teóricos e quadros práticos.

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico (MAGALHÃES, 1996, p.2, *apud* Silva, s.d.)¹

Com isto em foco, perscrutei a questão das chamadas “identidades matrizes” tentando vislumbrar um pouco melhor as expectativas e ambições que acompanharam a criação da instituição. Procurei me debruçar sobre certos aspectos do processo histórico de formação de um determinado tipo de identidade docente, assumindo que o contexto social, político e econômico da Zona Oeste carioca teriam norteado as estratégias identitárias encetadas ao longo da história “do Sarah”, acreditando que, uma vez percebida a partir do processo de socialização que lhe dá sustentação, a noção de identidade pode ser apreendida em uma perspectiva sociológica.

Nas palavras de Dubar:

Deste ponto de vista, a identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos

¹http://www.fiar.com.br/revista/pdf/1311878709FUNDAMENTOS_DA_HISTRIA_DAS_INSTITUIES_EDUCACIONAIS4e31ae35496c6.pdf, último acesso 20/03/2015

processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições (1997, p. 105).

Chamei a atenção para o fato de que a lei de criação da escola normal compreendia medidas de caráter assistencialista, que acabavam, de certa forma, contrastando com o “tom” dos demais registros/documentos/fontes deste trabalho, posto que nestes “o Sarah” teria sua história muito mais ligada a temas como: progresso, modernidade e integração.

Paradoxos do processo de elaboração da memória coletiva, explorados nesta pesquisa a partir dos constructos teóricos de Halbwachs, para quem a inteligibilidade do mesmo demanda, também, um olhar atento à questão das lembranças. O autor entende que a vivência em grupo, permite que as lembranças sejam “reconstruídas ou simuladas”, permitindo que representações do passado sejam criadas assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internalização de representações de uma memória histórica. A lembrança, de acordo com Halbwachs, é uma imagem que se encontra engajada em outras imagens, ou:

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2004: pp. 75-6).

Ao adotar um documento oficial como o “Histórico de criação do Instituto de Educação Sarah Kubitschek” como fio condutor dos capítulos deste trabalho, aliando sua leitura às considerações teórico-metodológicas citadas e consequentemente a toda uma série de registros: leis, reportagens, fotos, discursos e entrevistas, não ambicionei “explicar” a complexidade do processo de elaboração da identidade social e histórica “do Sarah”, mas em última instância deixar que esta aflorasse.

E é por este viés que entendo que minha pesquisa, longe de minimizar a importância “do Sarah” para a história do antigo Sertão Carioca, procura enriquecer as interpretações acerca desta importância. Ao longo dos 21 (vinte um) anos sobre os quais me debrucei, busquei entender uma história que não se limita à vontade de um político ou de uma família específica, que não foi uníssona e

talvez tenha sido menos “glamourosa” do que muitos a concebem, mas não menos relevante.

Ao olhar para a história “do Sarah”, tentei contextualizar sua origem e seguir de alguma forma as reflexões de Magalhães (1999) acerca da especificidade do ofício de historiar uma instituição, como exercício de:

(...) compreender e explicar os processos e os “compromissos” sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos de sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto (p.58).

Desse ponto de vista, foi importante perceber que, se, por um lado, os diferentes momentos que marcam a história da ENSK/IESK refletem as constantes mudanças que se dão no âmbito da legislação de ensino, ao longo do período estudado, a memória que se construiu sobre a instituição unifica essa história, sob a égide d’ “O Sarah”.

Espero que ao nortear minha pesquisa segundo estes parâmetros a mesma possa contribuir, mesmo que de maneira modesta, não apenas com outros estudos sobre instituições escolares, mas também para com o próprio campo da História da Educação.